

7h30

O despertador tocou. Como sempre, já tinha acordado cinco minutos antes. Dormira mal, agitado, mas feliz, iria pela primeira vez comandar o avião, na sua última perna¹, completamente autónomo. Treinara durante vários dias com um colega sénior ao lado, na cadeira do copiloto, com um ou dois voos semanais para o destino. Era um dos poucos aeroportos para onde a companhia voava que obrigava a vários voos até ser «largado». Finalmente, passaria a ser autónomo, com um piloto mais jovem ao lado, mas caber-lhe-ia toda a responsabilidade.

Nesse tempo, no início dos anos oitenta, os comandantes eram, como continuam a ser, os responsáveis

¹ Chama-se perna a um troço de um voo que tem vários destinos.

máximos pelos voos, mas ainda sem um recurso que aumentou muito a segurança, o CRM Cockpit Resource Management, que obriga os dois pilotos a dialogarem, sobretudo nas situações mais complexas, embora a última decisão seja do comandante.

Pôs um café a fazer enquanto se fardava. Preparara tudo na véspera, a farda pronta em cima do sofá da sala, a pasta de voo, com todos os documentos necessários. Até consultara a meteorologia nos destinos. Sendo Inverno, havia sempre mais desafios. Iria voar durante todo o dia, três voos, três aproximações, três aterragens. Só a última o preocupava, mas ao mesmo tempo excitava-o. Estava finalmente habilitado a aterrar em todos os destinos da companhia. E encontrar-se-ia com os seus filhos, depois de longas semanas sem os ver. Era grande a ansiedade. Voar era a sua paixão, mas as raízes estavam em terra.

9h15

Impecavelmente fardado, desceu e esperou pela carrinha que o levaria ao aeroporto. Quando entrou, deparou-se com duas assistentes de bordo, velhas conhecidas e amigas, que lhe deram os parabéns, sem mostrarem o mais pequeno sinal de preocupação. Afinal, ele era reconhecido como um piloto experiente, seguro e com uma excelente relação com as tripulações. Conheciam-se todos, faziam as refeições juntos durante as escalas e, sobretudo, tinham uma regra inquebrável: o que se passava nas cidades onde ficavam alguns dias, ali permanecia.

Fizeram o percurso até ao aeroporto sempre a rir, e «ameaçando» o colega. Fora do avião, as hierarquias desapareciam. «Não te livras de amanhã pagares o

almoço a todos», desafiou-o alguém. Aceitou de bom grado, era mais do que justificado. Mas levaria os filhos, seria uma boa oportunidade para estarem juntos. Dentro da companhia, tinham todos um nome de guerra, sendo ele um dos poucos que era tratado por um nome que nada tinha que ver com o seu. Chamavam-lhe *Sandokan*. Por ser um piloto muito atraente, com uma bela barba. Era um dos mais populares da companhia aérea, pois juntava à boa aparência um bom carácter.

10h00

Uma vez chegados ao aeroporto, encaminharam-se directamente para a sala de *briefing*. Constatou, com alguma surpresa, que o copiloto, afinal, não era um jovem, como antecipara, mas sim um comandante já com experiência do destino. Não acreditavam ainda completamente nele, ou seria uma questão de reforço de segurança?

Estudaram o plano de voo em conjunto, apesar de ser para o mesmo destino, apresentava-se sempre um pouco diferente dos anteriores, devido à mudança dos ventos e às restrições de rota. Leram atentamente os NOTANS² para saberem as condições

² Documentos sobre as condições da rota, restrições de espaços aéreos, meteorologia nas rotas, tempo nos destinos e aeroportos alternantes.

particulares daquele voo. E, por fim, consultaram a meteorologia de cada aeroporto e ao longo da rota. Não havia nada de extraordinário a assinalar, os voos até ao primeiro destino e regresso à base eram tranquilos, apenas os problemas habituais com o congestionamento do céu europeu. O último voo era o mais desafiante, não só por ser o primeiro que comandava, como a previsão meteorológica antecipava alguns desafios. Quando voltassem à base para esse derradeiro voo, confirmariam melhor o tempo, os alternantes possíveis caso não conseguissem aterrar, o combustível extra a meter, antecipando várias aproximações.

Fez o *briefing* habitual à tripulação de cabina, incluindo o tempo em rota e eventuais zonas de turbulência, de forma a adaptarem o horário das refeições que seriam servidas a bordo. Nesse tempo, ainda se comia e bem nos aviões.

Além de se sentir a fazer um *upgrade* na sua carreira, já não demoraria até ter capacidade para comandar e aterrar o avião num aeroporto em que só os comandantes podem aterrar. Na companhia havia poucos colegas certificados para aquele destino. Em breve, seria ele a «largá-los», o que implicaria ir lá frequentemente e uma promoção na carreira. Mas importante

é que ia estar com os filhos durante dois dias, já não os via há cerca de um mês.

Preparava-se para sair da sala de *briefing* a fim de apanhar o autocarro que o levaria ao avião, quando o chamaram.

— A mãe dos seus filhos está ao telefone. Perguntou se ainda estava aqui e se podia falar consigo?

Por momentos, pensou: *Será que ela me quer lixar a vida dizendo que, afinal, vai passar o fim-de-semana fora com os miúdos?*

Desde que se tinham separado, afligia-o sempre não poder cumprir as promessas que fazia aos filhos. Atemorizava-o a ideia de poder ser considerado um mau pai, ou um pai ausente. Mas no seu íntimo sabia que fazia todos os possíveis por estar com eles, embora também desejasse mais. Por agora, teria de bastar.

Depois de escutar a Leonor, logo se arrependeu do que pensara.

— Olá, é só para confirmar se amanhã sempre consegues estar cá a horas de os levars à escola. Este sábado têm algumas actividades de manhã. Tenho uma reunião e vou sair cedo, eles ficam com a empregada até chegares.

A pergunta irritou-o. Nunca falhara um compromisso. Como bom piloto que era, sempre fora extremamente pontual.

— Claro que estou. Chego esta noite, se houver algum imprevisto, aviso-te.

— Combinado, obrigada. Se puder, durante o fim-de-semana, vou-te contactando. Caso não me seja possível, quando vieres entregar os miúdos, podemos falar um pouco. Acho que devemos separar as nossas diferenças pessoais do papel parental.

Dispensava dialogar com ela, mas reconhecia que falavam pouco sobre os filhos. Ainda se sentia magoado e não queria ser desagradável. Se a conversa acontecesse, seria a dois, e nunca na presença dos miúdos.

Era em momentos como este que sentia que estava longe de ter resolvido a sua zanga com ela.

Com os passageiros instalados e as portas do avião fechadas, o comandante, sentado à direita e a fazer de copiloto, pediu autorização para iniciar o voo.

— *Ground*, o WWW 123 está pronto, pede autorização para *push back*.

— Autorizado, voltado para norte. Pronto a copiar plano de voo?

— Pode prosseguir.

— WWW 123 autorizado para o destino, pista em uso 03, pressão atmosférica 1006, após descolagem volta pela direita para o nível 060, no rumo 070, quando pronto, contacte a torre.

A autorização foi repetida pelo copiloto, como é obrigatório.

Desligada a comunicação com o oficial de placa, o comandante iniciou o caminho até à cabeceira da pista de descolagem.

Neste pequeno trajecto teve de fazer um esforço de concentração, o pensamento começara a fugir-lhe para os planos que desejava pôr em prática nos dois dias com os filhos.



Nesse fim-de-semana prolongado, ia tê-los só para si. Felizmente, coincidia com o aniversário da Rita. Tinha uma grande surpresa para ela, um *walkman*, e também várias cassetes de bandas que ela adorava. Mas como era seu hábito, sempre que um dos filhos fazia anos, levava também uma pequena recordação para o outro. Desta vez comprara ao João uma

miniatura do avião em que voava. Talvez, quem sabe, o influenciasse a ser também piloto, um dia.

Tinha saudades da sua família, dos tempos descontraídos em que estavam todos juntos.

Até à separação do casal, a cumplicidade dele com os filhos era muito grande. Aos fins-de-semana, quando não voava, organizava programas variados. Apesar da diferença de idades, ia com os dois ao teatro, ao cinema, aos parques infantis, quase sempre sem a mãe, que aproveitava para descansar. Um dos programas mais apreciados era uma visita ao Aquário Vasco da Gama, deviam ter lá ido umas cinco vezes. Já conheciam os peixes todos e até haviam ajudado a alimentá-los. Os filhos ansiavam pelos fins-de-semana, e perguntavam constantemente ao pai: *Está cá no próximo?*

Nem sempre essa cumplicidade era bem recebida pela mulher. Na altura, não percebeu, temia estar a exagerar na compensação das suas ausências. Mas agora sabia que eram os ciúmes que a motivavam a dizer coisas como: *fazes-lhes as vontades todas*. Em retrospectiva, reconhecia que devia ter insistido para que ela se juntasse a eles.

Por vezes, desafiava os colegas com filhos a juntarem-se a estes programas. Os miúdos adoravam ter outras

PAI E FILHO

crianças com quem brincar, e os pais olhavam enternecidos para a felicidade genuína que eles demonstravam.